

MIGUEL DE
CERVANTES

Dom Quixote
de la Mancha

Tradução e notas de
ERNANI SSÓ

VOLUME I
Introdução de
JOHN RUTHERFORD

VOLUME 2
Posfácios de
JORGE LUIS BORGES
RICARDO PIGLIA



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Penguin-Companhia
Copyright da introdução © 2000, 2001, 2003 by John Rutherford
Copyright do posfácio de Jorge Luis Borges © 1995 by Maria Kodama
Copyright do posfácio de Ricardo Piglia © 2012 by Guillermo Scharelzon
& Associados, Agencia literária www.scharelzon.com
Copyright da tradução de “Notas sobre a máquina voadora” ©
2012 by Alexandre Rodrigues Guimarães
Copyright da tradução de “Magias parciais do Quixote”
© 2007 by Davi Arrigucci Jr.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*
Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Don Quijote de la Mancha

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

CAPA

Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Huendel Viana

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cervantes Saavedra, Miguel de, 1547-1616.

Dom Quixote de la Mancha/ Miguel de Cervantes; tra-
dução e notas de Ernani Ssó; introdução de John Rutherford;
posfácios de Jorge Luis Borges, Ricardo Piglia. — 1ª ed — São
Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

Título original: Don Quijote de la Mancha.

ISBN 978-85-63560-55-1

1. Romance espanhol I. Borges, Jorge Luis. II. Piglia, Ri-
cardo. III. Ssó, Ernani. IV. Rutherford, John. V. Título.

12-11362

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura espanhola 863

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

VOLUME I

Nota sobre o texto	9
Reflexões de um escudeiro de Cervantes — Ernani Ssó	11
Agradecimentos	25
Introdução — John Rutherford	27
O ENGENHOSO FIDALGO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA	37
Prólogo	41
Versos preliminares	49
<i>Notas</i>	631

VOLUME 2

SEGUNDA PARTE DO ENGENHOSO CAVALEIRO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA	5
Prólogo ao leitor	7
Magias parciais do Quixote — Jorge Luis Borges	637
Notas sobre a máquina voadora — Ricardo Piglia	641
<i>Notas</i>	649

O engenhoso fidalgo
dom Quixote
de la Mancha

PRIMEIRA PARTE

Prólogo

Desocupado leitor: podes crer, sem juramento, que eu gostaria que este livro, como filho da inteligência, fosse o mais formoso, o mais galhardo e o mais arguto que se pudesse imaginar. Mas não consegui contrariar a ordem da natureza, em que cada coisa gera seu semelhante. Então o que poderia criar meu árido e mal cultivado engenho a não ser a história de um filho seco, murcho, caprichoso e cheio de pensamentos desencontrados que não passaram pela imaginação de nenhum outro, exatamente como alguém que foi concebido num cárcere, onde todo incômodo tem seu assento e onde toda triste discórdia faz sua moradia?¹ O sossego, o lugar agradável, a amenidade dos campos, a placidez dos céus, o murmúrio das fontes e a tranquilidade do espírito são de grande ajuda para que as musas mais estéreis se mostrem fecundas e ofereçam ao mundo partos que o encham de maravilha e alegria.

Acontece de um pai ter um filho feio e sem graça alguma, e o amor que tem por ele venda-lhe os olhos para que não veja seus defeitos, tomando-os antes por sagacidades e belezas, e fala deles aos amigos como de exemplos de espírito e elegância. Mas eu — que, embora pareça pai, sou padraсто de dom Quixote — não quero seguir a corrente costumeira, nem te suplicar quase em lágrimas, como outros fazem, caríssimo leitor, que

me perdoes ou toleres os defeitos que vires neste meu filho, pois não és parente nem amigo dele, tens tua alma em teu corpo e teu livre-arbítrio como o melhor entre os melhores, e estás em tua casa, onde és senhor, como o rei de seus tributos, e sabes que cada um pensa o que bem quer, ou não se costuma dizer que “embaixo de meu manto, ao rei mato”? Tudo isso te isenta e te deixa livre de todo respeito e obrigação, de modo que podes dizer tudo aquilo que pensares da história, sem medo de que te caluniem pelo mal ou te premiem pelo bem que disseres dela.

Gostaria somente de te dar esta história nua e crua, sem o ornamento de um prólogo nem do inumerável catálogo dos habituais sonetos, epigramas e elogios que se costuma pôr no começo dos livros. Porque posso te garantir que, embora tenha me custado algum trabalho escrevê-la, nenhum foi maior do que fazer esta introdução que vais lendo. Muitas vezes peguei a pena para escrevê-la e muitas a deixei, por não saber o que escreveria; e estando numa delas empacado, com o papel na frente, a pena atrás da orelha, o cotovelo na mesa e a mão no queixo, pensando no que diria, lá pelas tantas entrou um amigo meu, espirituoso e inteligente, que, vendo-me tão meditativo, me perguntou a causa. Não a ocultando, eu disse que pensava no prólogo que tinha de fazer para a história de dom Quixote e me achava num estado em que nem queria fazê-lo, nem muito menos publicar as façanhas de tão nobre cavaleiro sem ele.

— Pois como quereis vós que não me deixe confuso o que dirá o antigo legislador que chamam povo quando vir que, ao cabo de tantos anos como estes em que durmo no silêncio do esquecimento, saio agora, com o peso da idade nas costas,² com um livro seco como palha, longe da invenção, franzino de estilo, pobre de conceitos e carente de toda erudição e doutrina, sem notas nas margens e sem comentários no fim, como vejo em outros

livros, ainda que sejam de ficção e profanos, tão cheios de frases de Aristóteles, de Platão e de um bando todo de filósofos, que deixam os leitores admirados e os levam a pensar que os autores são homens lidos, eruditos e eloquentes? E quando citam a Sagrada Escritura, meu caro? Dizem no mínimo que são uns Santos Tomases e outros tantos doutores da Igreja, adequando o estilo de modo tão engenhoso que numa linha pintam um amante devasso e em outra fazem um sermãozinho cristão, que é uma alegria e uma dádiva ouvi-lo ou lê-lo. Disso tudo há de carecer meu livro, porque não tenho o que anotar nas margens nem comentar no fim, muito menos sei que autores sigo nele para nomeá-los no começo, como fazem todos, na ordem do ABC, começando em Aristóteles e acabando em Xenofonte e Zoilo ou Zêuxis, mesmo que um fosse maledicente e o outro, pintor. Meu livro também há de carecer de sonetos no princípio, pelo menos de sonetos cujos autores sejam duques, marqueses, condes, bispos, damas ou poetas célebres, embora, se eu os pedisse a dois ou três amigos do ofício, sei que seria atendido, e os fariam sem que os igualassem os versos daqueles que têm mais nome em nossa Espanha. Enfim, meu senhor e amigo — continuei —, resolvi que o senhor dom Quixote fique sepultado em seus arquivos na Mancha até que o céu apresente quem o adorne com todas essas coisas que lhe faltam, porque eu me acho incapaz de supri-las devido a minha insuficiência e poucas letras, e também porque sou acomodado e preguiçoso por natureza para andar procurando autores que digam o que eu sei dizer sem eles. Daí nasce o embaraço e a indecisão em que me achastes: causa suficiente para me pôr assim como vos falei.

Ao ouvir isso, meu amigo me disse, dando uma palmada na testa e disparando uma salva de risos:

— Por Deus, meu irmão, acabo de perceber um engano em que acreditei há muito tempo, desde que vos co-

nheço: sempre vos julguei inteligente e sensato em todas as ações. Mas agora vejo que estais tão longe disso como o céu da terra. Como é possível que coisas de tão pouca monta e tão fáceis de remediar possam ter forças para meter nesse embaraço e alheamento um engenho tão maduro como o vosso, sempre pronto a atropelar e demolir outras dificuldades maiores? Com certeza, isso não nasce por falta de habilidade, mas por excesso de preguiça e penúria mental. Quereis ver se é verdade o que digo? Prestai-me atenção e vereis como, num piscar de olhos, abato todas as vossas dificuldades e corrijo todas as deficiências que dizeis que vos embaraçam e acovardam, impedindo-vos de apresentar ao mundo a história do famoso dom Quixote, luz e espelho de toda a cavalaria andante.

— Dizei: de que modo pensais preencher o vazio de meu temor e levar a claridade ao caos de minha confusão? — repliquei, ouvindo o que me dizia.

A isso, ele me disse:

— O reparo que fazeis sobre os sonetos, epigramas ou elogios que vos faltam para o princípio, que devem ser de personagens sérios detentores de títulos, pode se remediar desde que vós mesmo queirais ter o trabalho de fazê-los e depois batizá-los, pondo-lhes o nome que quiserdes, atribuindo-os até ao Preste João das Índias ou ao imperador da Trebizonda, que foram poetas dignos de fama, pelo que se diz. Mas, se por acaso não o tenham sido e houver alguns pedantes e tagarelas que pelas costas vos detratem e cochichem sobre essa verdade, não vos deis por achado, porque, ainda que investiguem a mentira, não vos cortarão a mão com que a escrevestes.

“Quanto a citar nas margens os livros e autores de onde tirastes as frases e ditos que inseristes em vossa história, não tendes mais a fazer que encaixar algumas sentenças ou latins que saibais de memória, ou pelo menos que vos deem pouco trabalho achar, como será dizer, tratando-se de liberdade e escravidão:

*Non bene pro toto libertas venditur auro.*³

“E depois, na margem, citar Horácio, ou quem a disse. Se tratares do poder da morte, ataca logo com

*Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres.*⁴

“Se for da amizade e amor que Deus manda que se tenha pelo inimigo, entrai logo no assunto pela Sagrada Escritura, o que podeis fazer com um tiquinho de cuidado, dizendo no mínimo as palavras do próprio Deus: *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros.*⁵

“Se tratares de maus pensamentos, vinde com o Evangelho: *De corde exeunt cogitationes malæ.*⁶ Se for da inconstância dos amigos, aí está Catão, que vos dará seu dístico:

*Donec eris felix, multos numerabis amicos.
Tempora si fuerint nubila, solus eris.*⁷

“E com esses e outros latinzinhos vos terão até por gramático, o que não é de pouca honra e proveito nos dias de hoje.

“No que toca a anotações no final do livro, sem temor podeis fazer desta maneira: se mencionardes algum gigante em vosso livro, fazei com que seja o gigante Golias. Apenas com isso, que vos custará quase nada, tereis um bom comentário, pois podeis dizer: ‘O gigante Golias ou Goliath foi o filisteu a quem o pastor Davi matou com uma boa pedrada, no vale do Terebinto, conforme se conta no Livro dos Reis’, no capítulo que vós achardes que está escrito.

“Em seguida, para vos mostrardes cosmógrafo e erudito em humanidades, fazei com que em vossa história se mencione o rio Tejo e tereis logo outra famosa anotação, escrevendo: ‘O rio Tejo foi assim chamado por cau-

sa de um rei das Espanhas; nasce em tal lugar e morre no mar Oceano, beijando os muros da famosa cidade de Lisboa, e se diz que tem as areias de ouro' etc. Se tratardes de ladrões, eu vos darei a história de Caco, que sei de cor; se de mulheres lascivas, aí está o bispo de Mondoñedo, que vos emprestará Lâmia, Laida e Flora, cuja anotação vos dará grande reputação; se de mulheres cruéis, Ovídio vos entregará Medeia; se de magas e feiticeiras, Homero tem Calipso e Virgílio, Circe; se de capitães valentes, o próprio Júlio César vos emprestará a si mesmo em seus *Comentários*, e Plutarco vos dará mil Alexandres. Se tratardes de amores, com duas pitadas que saibais da língua toscana topareis com Leão Hebreu, que vos encherá as medidas. E, se não quereis andar por terras estranhas, em casa tendes Fonseca, *Del amor de Dios*, onde se anota tudo o que vós e o mais engenhoso escritor poderiam desejar em tal matéria. Enfim, nada mais tendes a fazer que procurar dizer esses nomes, ou aludir na vossa essas histórias de que falei, deixando a meu cargo escrever as anotações e os comentários, que vos juro encher as margens e gastar uma resma de papel no fim do livro.

“Vamos agora à citação dos autores que os outros livros têm, mas que falta ao vosso. O remédio para isso é muito fácil, porque não haveis de fazer outra coisa que achar um livro que os aponte todos, desde o A até o Z, como dissestes. Poreis então esse mesmo abecedário em vosso livro; e, ainda que se veja claramente a mentira, pela falta de necessidade que tínheis de vos servir de tantos autores, pouco importa, sem falar que talvez haja alguém tão simplório que acredite que todos eles tenham sido utilizados em vossa simples e singela história; e, se o longo catálogo não servir para nada, servirá pelo menos para dar um imprevisto ar de autoridade ao livro. Além do mais, não haverá quem se dê ao trabalho de averiguar se os seguistes ou não, não lucrado nada

com isso. Depois, se entendi direito, vosso livro não tem necessidade de nenhuma daquelas coisas que dizeis que lhe faltam, porque todo ele é uma invectiva contra os livros de cavalaria, de que nunca se lembrou Aristóteles, nem disse nada São Basílio, nem pensou Cícero; também não entram na conta de seus disparates fantasiosos as minúcias da verdade, nem as observações da astrologia; nem lhe importam as medidas geométricas, nem a refutação dos argumentos de quem se serve da retórica, nem tem motivo para fazer sermão a ninguém, misturando o humano com o divino, combinação de água e óleo que nenhum espírito cristão deve experimentar.

“Tendes de vos aproveitar da imitação apenas no que fordes escrevendo, pois, quanto mais perfeita ela for, tanto melhor será vosso livro. E, como essa vossa escrita não deseja mais que desbançar a autoridade e a aceitação que os livros de cavalaria têm no mundo e no gosto do povo, não careceis de andar mendigando frases de filósofos, conselhos da Sagrada Escritura, fábulas de poetas, orações de retóricos, milagres de santos, mas sim procurar que, sem pompa, com palavras expressivas, honestas e bem colocadas, vossas sentenças e proposições saiam sonoras e festivas, pintando vossa intenção em tudo que alcançardes e for possível, dando a entender vossos conceitos sem emaranhá-los e obscurecê-los. Procurai também que, lendo vossa história, o melancólico se ria, o risonho gargalhe, o tolo não se aborreça, o inteligente se admire da invenção, o circunspecto não a despreze nem o ponderado deixe de louvá-la. Enfim, levai a mira posta na destruição dos descosidos enredos desses livros de cavalaria, desdenhados por tantos e enaltecidos por muitos mais. Se alcançardes isso, não tereis alcançado pouco.”

Em total silêncio escutei o que meu amigo dizia, e de tal maneira me impressionaram as palavras dele que sem discussão as aceitei por boas e delas mesmas quis fazer este prólogo, onde verás, caro leitor, o tino de meu

amigo, minha boa sorte em achar em tempo conselheiro de que eu necessitava tanto, e o alívio que sentirás ao encontrar a história tão sincera e sem rodeios do famoso dom Quixote de la Mancha, de quem todos os habitantes do campo de Montiel dizem ter sido o mais casto apaixonado e o mais valente cavaleiro que desde muitos anos até hoje se viu naquelas paragens. E não quero encarecer o serviço que te presto ao te apresentar tão nobre e honrado cavaleiro, mas quero que me agradeças o conhecimento que terás do famoso Sancho Pança, seu escudeiro, em quem, me parece, te dou a síntese de todas as graças escudeiris que se encontram espalhadas na enxurrada dos inúteis livros de cavalaria. E, com isto, Deus te dê saúde e não se esqueça de mim. *Vale.*⁸